

## **UMA ANÁLISE DO LUGAR DE FALA FEMININO: A DESCOBERTA DAQUILO QUE PERTENCEMOS**

DE LIMA, Julia Cristina Ferreira<sup>1</sup>

DE LIMA, Guilherme Almeida<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo objetiva analisar, por meio da pesquisa bibliográfica e sob a perspectiva da psicanálise, as construções sociais e suas relações com o feminino, que desde a historicidade até os dias atuais é colocado em uma posição de inferioridade que conduz a vivência feminina alheia ao próprio desejo. Tem por finalidade causar reflexões sobre o Ser mulher e estar para o feminino, colocar o lugar de fala como ferramenta essencial para a ascensão dos discursos, bem como aqueles que anteriormente foram silenciados e além disso, expor dados e conhecimentos que destaquem o teor significativo dessa temática. Fundamentado a partir disso, foi possível realizar uma pesquisa que trouxesse sobre o movimento feminista, desde seu surgimento até os resultados que foram adquiridos pelas revoluções e posicionamentos das mulheres, em conjunto foi apontado questões de gênero para compreender a importância da equidade e estar em consonância com as multiplicidades presentes no social. Nesse sentido, a introdução do início da psicanálise e seus pontos de encontro com o feminismo elaborou a ideia de que diante da base inicialmente patriarcal da abordagem, os saberes psicanalíticos tem muito a acrescentar, especialmente para produzir conhecimentos suficientes para quebrar paradigmas criados pela sociedade. Utilizando-se em sua maior parte de escritos realizados por mulheres, a pesquisa obteve considerações importantes para se continuar diante da responsabilidade ética de avaliar criticamente e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural dos sujeitos. Concluindo e sustentando a ideia de que 'Ser mulher é político'.

**Palavras-chave:** Lugar de fala. Feminismo. Psicanálise. Questões de Gênero. Social.

### **The feminism standpoint: An analysis on women's speech**

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Campo Real. [psi-julialima@camporeal.edu.br](mailto:psi-julialima@camporeal.edu.br)

<sup>2</sup> Professor Orientador. Psicólogo pelo Centro Universitário Campo Real. Pedagogo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Realiza estágio de pesquisa na Katholische Private-Universität Linz (Áustria).

## **ABSTRACT**

This article aims to analyze, through bibliographic research and from the perspective of psychoanalysis, the social constructions and their relations with the feminine, which since the past until today is placed in a position of inferiority that leads the female experience alien to her own desire. Its purpose is to cause reflections about being a woman and being for the feminine, to put the place of speech as an essential tool for the rise of discourses, as well as those that were previously silenced and, furthermore, to expose data and knowledge that highlight the significant content of this theme. Based on this, it was possible to carry out a research that brought about the feminist movement, from its emergence to the results that were acquired by the revolutions and positioning of women, together it was pointed gender issues to understand the importance of equity and be in line with the multiplicities present in the social. In this sense, the introduction of the beginning of psychoanalysis and its meeting points with feminism elaborated the idea that in face of the initially patriarchal basis of the approach, psychoanalytic knowledge has much to add, especially to produce enough knowledge to break paradigms created by society. Using mostly writings by women, the research obtained important considerations to continue facing the ethical responsibility of critically and historically evaluating the political, economic, social and cultural reality of the subjects. Concluding and sustaining the idea that 'Being a woman is political'.

**Keywords:** Women's Speech; Feminism; Psychoanalysis; Gender; Social.

## 1. INTRODUÇÃO

“Dentro de uma sociedade que desqualifica a voz feminina e normaliza comportamentos machistas, quem reconhece e acolhe esse sujeito?” Essa é uma das perguntas que conduz a problemática que envolve o feminino na sociedade. Ser mulher é estar constantemente lutando para alcançar um lugar de reconhecimento, sendo uma luta árdua e supostamente contínua, sendo, de fato, um ato político.

Por mais que tenha acontecido grandes revoluções e libertações dentro do feminino, como o direito a voto, participação acadêmica e acesso ao mercado de trabalho, bem como recentemente, a aprovação do projeto de lei pelo Senado em Agosto de 2022, onde se aplica a exclusão da exigência de autorização do companheiro para execução de procedimentos cirúrgicos como a laqueadura (PROJETO DE LEI Nº 1941, DE 2022) percebe-se que ainda existem situações onde sujeitos do gênero feminino se encontram na realidade de invisibilidade social, na qual suas histórias, lutas e vozes são diariamente silenciadas e entendidas como dignas de rejeição.

A pesquisa traz consigo as questões históricas, culturais, sociais e psicológicas que atravessam o ser biopsicossocial, uma vez que essa temática tem grande relevância frente ao fato de que são maioria na população brasileira, segundo o Teste do Censo 2022 (51,7%) e se encontram em minoria na política brasileira por exemplo, são apenas 14,8% de mulheres em cargos que demandam voz ativa e tomada de decisões. Além dessas informações, é pertinente expor dados publicados no início de 2022 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), os quais apontam que entre Março de 2020 até Dezembro do ano seguinte, foram registrados 2.451 feminicídios e 100.398 ocorrências de estupro envolvendo sujeitos do sexo feminino. Dados divulgados pela TvT– *Transrespect versus Transphobia WorldWide* (2021) pelo “Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021” mostram que 375 pessoas da população trans do mundo foram assassinadas, desse total 96% eram mulheres trans e transfemininas. Os dados ainda apontam que 70% foram acometidos nos territórios da América Central e América do Sul, sendo 33% somente registrados no Brasil, ou seja, é o país onde mais ocorrem assassinatos de travestis e transexuais no mundo. Por outro lado, o Brasil é o país que mais consome pornografia trans em plataformas de conteúdo adulto. Esses dados gritantes expõem que a violência é motivada pelo gênero e não pela sexualidade do sujeito, é como pensar que tudo que se é representado pelo feminino e pela feminilidade deve ser sempre desvalorizado, mesmo que seja necessário criar um universo paradoxal e hostil para lidar com o próprio desejo que não foi elaborado, mas que se faz familiar quando em contato com o Outro. Os fenômenos violentos são

entendidos como diretamente ligados à falta de legitimação social a qual se encontram (BUTLER, 1990).

Para além de, é inevitável compartilhar que atualmente, 60% das mulheres sofrem com assédio sexual diariamente no Brasil e ainda, segundo dados colhidos no período entre 2010 e 2018, somente no Brasil, cerca de 67,55% das 338.569 notificações de tentativas de suicídio ocorreram por mulheres. Dados ainda apontam que há uma grande desigualdade salarial dentro dos mesmo cargos em uma empresa, o que aumenta ainda mais o peso de todas as expectativas sociais impostas às mulheres. Além de tudo, segundo dados da pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em conjunto com o Instituto DataFolha, lançado em 2021, apontam que durante a Pandemia do Coronavírus 4,3 milhões de mulheres foram agredidas, ou seja, nos primeiros minutos em que esse parágrafo foi lido, 8 mulheres foram violadas no Brasil.

Não é incomum escutar falas que diminuem a vivência de cada mulher, lhes taxando como emocionadas e frágeis, destinadas somente a permanecer em papéis que foram pré-determinados historicamente, ou seja, servem para conservar o lugar de mulheres socializadas para o público, sempre em função e autorização do Outro. O doméstico, a permanência em relações onde não há respeito e muito menos amor, o excesso de produtividade e falsa necessidade de dar conta de tudo para receber o mínimo de reconhecimento e principalmente o lugar do materno, que por muitas vezes se faz presente e imposto mesmo sendo o contrário do desejo da própria mulher. Esses são alguns dos papéis que definem o sexo feminino dentro da sociedade, que desde sempre se faz marcada por uma cultura classista, racista, colonialista e machista. A obrigação de pertencimento único e exclusivo a esses papéis, de forma alguma cabe dentro da modernidade presente em pleno século XXI.

Nesse sentido, se é pressuposto que para aqueles denominados como detentores de todo saber, mais vale manter os grupos considerados como inferiores - mulheres, negros e a comunidade LGBTQIA + - dentro do silenciamento do que comprometer a dita ordem social, esse controle impede a voz ativa e visibilidade social, que se faz fundamental para reprimir as relações desiguais de poder, além de desconstruir discursos hegemônicos presentes no sistema sociopolítico, como é o patriarcado, onde as posições de poder são pautadas e direcionadas ao masculino, mais especificamente, ao homem branco de família burguesa, heterossexual e cisgênero.

O objetivo desta pesquisa é promover reflexões acerca da dominação masculina que diariamente ameaça o desejo feminino com o objetivo de manter ao poder a fantasia perversa que reforça cada vez mais os comportamentos predatórios exercidos pela sociedade, que mantém as mulheres no lugar de impotentes e subordinadas; resgatar as vozes femininas que a tempos vem existindo dentro de um silenciamento histórico; reafirmar o princípio fundamental descrito no

código de ética do profissional de psicologia, que discursa sobre atuar com responsabilidade social e avaliar criticamente e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural, analisando assim as construções sociais e quais são suas devidas relações com o feminino.

Entende-se que o propósito de apresentar e pesquisar sobre esse tema, vai muito além de causar uma provocação e crítica ao sistema social, mas sobretudo de descrever o quão simbólico é a ideia de afirmar todos os dias e em todos os momentos a importância de dar lugar e voz às mulheres, já que a existência e respectivas histórias sempre estiveram registradas, independente da presença concreta ou não daquele sujeito, visto que era comum utilizar-se de pseudônimos ou simplesmente não assinar os escritos, para não serem censuradas. Nesse sentido, a união do saber psicanalítico com o feminismo, pretende contribuir para articular as vozes femininas e entender o que a abordagem tem a dizer sobre esse objeto de estudo. Os atravessamentos patriarcais são perigosos dentro da (re)construção constante de quem é a mulher, mas a ligação entre os conhecimentos acadêmicos e pessoais com o objetivo de expor o sujeito real e livre, produz uma revolução coletiva por meio das vozes femininas e desafia os limites que continuam sendo impostos de forma errônea e irresponsável. Essa ruptura tão temida pela sociedade pode custar tanto a saúde mental como física, bem como o respeito pelos direitos e até a vida das mulheres, mas é nessa quebra que as violências, saberes e qualquer outro atributo que saia da linha estabelecida pela sociedade, que a liberdade das mulheres nasce. É isso que recupera e conduz o feminino ao seu próprio conhecimento.

Para que isso se faça claro e objetivo, nos primeiros capítulos dessa pesquisa apresenta-se primeiramente os conceitos e história das revoluções feministas, no segundo capítulo pretende-se expor os saberes psicanalíticos e quais são seus devidos pontos de encontro dentro do feminismo, além de apontar questões de gênero que se fazem presentes nessa temática. Para terminar, o capítulo final deve ser essencial para desconstruir a ideia de inferioridade exigida pela sociedade e expor o pertencimento das vozes femininas que geração após geração continuam a resistir ao peso opressor depositado pelo ambiente hostil.

À vista disso, revela-se a seguinte pergunta: Como o direcionamento para manter o feminino dentro de um espaço inconsciente<sup>3</sup> afetou a forma de ser mulher ao longo da história comparando-se com o ser mulher na contemporaneidade? Conclui-se, no que se refere aos estudos feministas elaborado com os estudos psicanalíticos, o quanto é potente e revolucionário dar voz à história das mulheres que nunca concordaram com a dominação e violação feminina, mas que devido a essa

---

<sup>3</sup> A palavra “Inconsciente” aqui é utilizada em dois sentidos. Primeiramente indo de encontro com aquilo que está oculto e oprimido e no sentido psicanalítico daquilo que se pode fazer presente quando o discurso se faz representado no mundo simbólico.

rebeldia, por assim dizer, hoje se faz possível a apresentação de uma pesquisa como essa, que pretende além de tudo, como Rosa Luxemburgo (filósofa e economista marxista) revolucionar e proclamar em voz alta o que está acontecendo.

## **2. METODOLOGIA**

A proposta de pesquisa teve seu início e posterior desenvolvimento no período de Maio a Novembro de 2022. O método que foi utilizado possui o objetivo de apresentar de forma qualitativa conhecimentos acerca do papel que o feminino carrega dentro da sociedade. A pesquisa também possui caráter exploratório e organiza-se diante de uma pesquisa bibliográfica descritiva, essa primeira segundo os autores Barros e Lehfeld (2007) é uma forma de pesquisa que tem por finalidade solucionar ou atingir novos conhecimentos de acordo com uma problemática já estabelecida pelo próprio pesquisador. E a segunda, sendo nomeada como descritiva, pois, a intenção é expor os dados da mesma forma que se foram encontrados. O percurso investigativo será feito de forma sistematizada, uma vez que os dados foram obtidos pela leitura e análise de artigos, livros e produções cinematográficas em seu desenvolvimento. Ao total foram selecionados 25 documentos, dos quais 15 foram utilizados. Para tal pesquisa foram utilizados como plataforma de dados: (a) Google Acadêmico; b) SciELO; c) BDTD. Seguindo como palavras-chave, os termos – lugar de fala; gênero; feminismo; psicanálise e social.

Segundo o autor Feldens (1981) quando se é agrupado os resultados que foram encontrados por meio da pesquisa bibliográfica e logo após elaborado um quadro de referência, será possível ao pesquisador fundamentar a relevância que seu tema apresenta, tanto no ambiente acadêmico como no contexto social. Feita essa análise e seleção dos documentos que mais se encaixam para dar continuidade a pesquisa, a escrita e organização de ideias foi o segundo passo, já que o estudo por meio de anotações e fichamentos são ferramentas de grande valor dentro do meio acadêmico. Isto significa que a análise do conteúdo foi realizada em quatro fases: a) pesquisa refinada com os descritores; b) pré análise de cada documento encontrado; c) seleção de acordo com os objetivos da pesquisa; d) leitura e fichamentos para posterior início da escrita.

A análise a partir do método de investigação fundamentado nos estudos que a clínica psicanalítica nos apresenta permitiu que fosse possível unir o sujeito, o objeto, o desejo e principalmente o social/cultura. ALVES et al (2017) em uma só pesquisa. Ainda sobre o afirmado pelas autoras, o estudo da psicanálise e feminismo é uma discussão importante no campo científico, pois os mesmos pensam o indivíduo como sendo um sujeito autônomo, livre e com o potencial de reivindicar seu caminho para o próprio conhecimento.

Por considerar o tema da pesquisa e para fins de evitar ambiguidade foram contemplados em sua maioria documentos que foram escritos por sujeitos do sexo feminino, pois, entende-se que mulheres sem intermediário possuem vozes e elementos conceituais mais que importantes para a fundamentação do estudo. As principais autoras que contribuíram com a pesquisa foram: Davis (2018); De Oliveira Alves et al (2017); Moutian e Giansesi (2020); Butler (1990); Hooks (2000); Kuss (2016); Oliveira e Nicolau (2020); Ribeiro (2019) e Freud (1996b).

### **3. REVOLUÇÕES FEMINISTAS**

Observa-se, ao longo dos séculos que o lugar de fala feminino é um conceito que vem tomando grande importância e que expõe como principal objetivo, abrir espaço para que as diversas pluralidades e singularidades desse grupo historicamente silenciado, venha a lutar pela reconstrução e manutenção do direito de estar e ser visto na sociedade em que estão inseridos. Bem como de acordo com o descrito por Djamila Ribeiro (2019, p.37): “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos num lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.” Durante longos períodos, foi e ainda é observado que a mulher sofre com o “sintoma” de uma sociedade que tenta a todo custo manter um pensamento fechado e totalmente fundamentado em convicções passadas, onde mulheres e outros grupos considerados de menor valor, em comparação aos detratores, eram vistos como dignos de rejeição e exclusão no meio social. Para expor um exemplo, há alguns milênios atrás, as mulheres eram queimadas, saqueadas, estranguladas... para evitar que fosse criada uma desordem na sociedade totalmente conservadora, onde somente o homem e nada além do que o sexo masculino fosse detentor de todo conhecimento, segundo Fia Forsström (ano desconhecido).

Qualquer mulher estava em risco de ser queimada nos anos 1600. Mulheres eram jogadas na água e, se podiam flutuar, eram culpadas e executadas. Se elas afundassem e se afogassem, eram inocentes. Mulheres foram jogadas de penhascos. As mulheres eram colocadas em buracos profundos no chão. Por que escrevo isso? Porque conhecer nossa história é importante quando estamos construindo um novo mundo.

Não é tão difícil perceber que por mais que a contenção não seja mais física, ela se faz presente na forma social com a qual as mulheres são tratadas. Como aponta Estés (1994) a velha sabedoria que nelas reside, há tempos não se manifesta do jeito que deveria. Ilustra-se assim, que a ideia principal apresentada pela sociedade é de dar-se e manter os homens como donos de um discurso cujo conteúdo é carregado de suposto saberes que são absolutos, cabendo às mulheres encontrarem-se diante de um lugar de Outro, isto é, são vistas apenas como objeto de desejo do homem. Por serem coagidas socialmente a permanecerem tão somente nesse lugar, é perceptível segundo Federici (1975) que levando em conta o quão a sociedade atual é exageradamente

patriarcal, capitalista e repleta de comportamentos de misoginia, entende-se que condutas que inserem a mulher em trabalhos domésticos, em ambientes onde sofrem negligência, violência e outras práticas machistas como o *manterrupting* e *mansplaining*<sup>4</sup>, além de, exigir qualidades incoerentes que vão de encontro com a ideologia de “mulher perfeita para se casar” sejam os responsáveis por transformarem a essência feminina unicamente e puramente relacionada ao doméstico, impondo que esse seria seu principal papel dentro da sociedade. Ainda segundo a autora, dessa vez utilizando-se do seu pensamento publicado em 1975 no livro “*Wages against HouseWork*”: “Eles chamam isso de amor, e nós, de trabalho não remunerado.” (FEDERICI, 1975, p.2). Mantendo-se na mesma linha de pensamento, fica claro a ideia do domínio que o sistema dispõe no interior do social. Segundo Mountian e Giansesi (2020, p. 2) “a partir da configuração capitalista de propriedade privada, a heteronormatividade patriarcal impõe, por suas leis, modos de ser bastante regulados, fazendo-os parecer natural ou estrutural.”

Pensando em reconquistar a essência do feminino antes de ter sido tomado pelo excesso de controle e ter sido censurado pelo social que nos cerca, identifica-se a dimensão que o movimento feminista manifesta, o próprio é peça-chave na discussão sobre o lugar de fala das mulheres, pois, entra diretamente com o intuito de romper com a ordem patriarcal que enxerga a mulher como subordinada e frágil, necessitando de um homem para lhe proteger e propõe a ideia de modificar esse pensamento conservador e promover luta e reivindicações que pertencem ao feminino. Segundo o artigo de Oliveira e Nicolau publicado em 2020 na revista *Subjetividades*, quando se é pensando no feminino como um total, pode-se criar uma problematização que repensa a mulher não como sendo um sexo que vai descartar a presença e importância do masculino, mas sim, colocar o feminino em uma posição “limítrofe entre o Outro e o para além, como aquilo que faz questão ao social.” (OLIVEIRA e NICOLAU, 2020, p.3).

Essa tradicional relação desigual de poder é redefinida a partir dos movimentos e lutas femininas que trazem para discussão e reflexão a opressão que se é vivenciada. A política em seu sentido amplo, ou melhor, não limitada exclusivamente ao institucional, mas sim a vivência diária, passa a ser ligada também ao feminino, que proporciona assim, uma maior representação e principalmente acesso ao pensamento de que a política faz e sempre fará parte da constituição enquanto sujeitos no mundo. Essa quebra movimenta-se para relacionar o pessoal, as relações familiares, relações sexuais e sobretudo as relações de gênero em uma organização que concede caminho para um posicionamento no mundo. Essas questões abrem espaço para novas condutas que

---

<sup>4</sup> A primeira refere-se a ação dos homens de interromper falas de mulheres, normalmente de forma desnecessária. A segunda, ao ato de explicar coisas óbvias à mulher como se ela não fosse intelectualmente capaz de compreender.



suportem a revolução, já que ser mulher hoje, em nosso país, é estar constantemente lutando para ocupar lugares que desde o início já deveriam também pertencer ao feminino. Ser mulher é um ato político e segundo apontamentos da autora Judith Butler (1990, p.18):

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa e adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso pareceria obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada.

O movimento feminista, estruturado e com essa nomenclatura de movimento social, nasceu entre os séculos XIX e XX. Segundo Alves et al (2013, p.113) a principal luta do movimento é a de combater a “opressão a que estão sujeitas as mulheres, as quais almejam alcançar autonomia e protagonismo na sociedade, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres”. Conforme citado por Bell Hooks (2000, p.13) o feminismo é um movimento que tem por objetivo acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão. A autora ainda comenta que esse movimento não é sobre um “bando de mulheres bravas” que são anti-homem e que “querem ir contra a natureza (e **deus**)” (grifo nosso), mas sim, sobre um movimento que anseia adquirir direitos iguais, um movimento que preza pela desconstrução dos discursos hegemônicos como o patriarcado<sup>5</sup>, que segundo a autora é uma outra forma de nomear o sexismo institucionalizado, já que tanto homens como mulheres são socializados desde o nascimento a aceitar pensamentos e ações androcêntricas. (HOOKS, 2000, p.13).

Vale lembrar que muito antes dessa época, na idade média mais especificamente, já se existia uma consciência feminista, por mais que não se denominassem assim, lutavam individualmente contra a mentalidade extremamente misógina da sociedade, afinal, sabemos que sempre existiram mulheres que nunca aceitaram a dominação masculina, já que os únicos que se beneficiam do sistema social patriarcal são os homens. Concordando com a autora Estés (1994) é possível perceber que mesmo estando em ambientes que não reconheciam mulheres como sujeitos dignos de respeito, é comum escutar ou ler histórias de pequenas revoluções propostas pelo grupo feminino, como o citado pela própria em seu livro “As mulheres tinham de implorar pelos instrumentos e pelo espaço necessário às suas artes; e se nenhum se apresentasse, elas abriam espaço em árvores, cavernas, bosques e armários.” (ESTÉS, 1994, p.8).

A história do feminismo organizado no Brasil pode ser dividida em três ondas, a primeira referindo-se a igualdade de participação na vida pública, que foi marcada pela reivindicação ao voto e que foi conquistado (ainda com restrições) em 1932 no governo de Getúlio Vargas. Foi apenas em

---

<sup>5</sup> Em definição encontrada no dicionário de psicanálise de Roudinesco e Plon (1998), "patriarcado" é definido como um sistema político-jurídico no qual a autoridade e os direitos sobre os bens e as pessoas se concentram nas mãos do homem, ou seja, há uma dominação totalmente masculina que coloca a mulher em papel de subordinada.

1965, com o novo Código Eleitoral, que o voto tornou-se obrigatório, sendo assemelhado ao dos homens, além do acesso à educação que não fosse voltada para o ensino de tarefas domésticas e para a vida do casamento; A segunda focada na autonomia da mulher, dando espaço para discussões sobre a sexualidade, desvinculando o sexo como somente destinado a reprodução e recolhendo seu papel unicamente reservado ao contexto familiar, foi em 1962 que o comércio do anticoncepcional teve início no Brasil, até 2002 por exemplo, o homem poderia solicitar a anulação do casamento caso descobrisse que a companheira não fosse virgem antes do matrimônio; e a terceira como entrelaçamento entre gênero, raça e classe, aqui no Brasil somente nos descritos da Constituição de 1988 que as mulheres passaram a ser vistas pela legislação brasileira como iguais aos homens, além disso, um pouco antes, em 1974, foi aprovado a Lei de Igualdade de Oportunidade de Crédito, o que impedia a discriminação por gênero ou estado civil para solicitar cartão de crédito ou empréstimos em bancos da época.

Como resultado, o movimento feminista foi expandindo-se pelo mundo e cada vez mais ganhando espaço nas discussões políticas, o tradicionalismo opressor sobre a mulher vai perdendo seu lugar ativo e o novo pensamento pautado na libertação e emancipação do feminino começa a sinalizar sua importância. Segundo Sojourner Truth em 1851:

Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então, todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam.

#### **4. FEMINISMO E PSICANÁLISE: PONTOS DE ENCONTRO**

Na cultura da Europa centrada em famílias tradicionais e totalmente patriarcais, a psicanálise fez seu caminho e avançou na teoria que se conhece hoje. Surgiu no final do século XIX e foi consolidada no século seguinte, seu estudo, inicialmente, teve como objetivo aproximar-se do sofrimento psíquico do sujeito, utilizando-se da sugestão hipnótica, onde segundo escritos da época, o paciente encontrava-se para o lugar de lembrança de um acontecimento traumático, mais necessariamente, para o momento das primeiras manifestações, fazendo com que o indivíduo fosse conduzido a revivê-la e quando estivesse no processo de reencontro, o mal-estar e angústia, descritos por Freud, seriam liberados de forma adequada, aliviando assim os sintomas. O método catártico que era utilizado na época, começou a não funcionar tão bem na prática, uma vez que Freud descreve que nem todos os seus pacientes estariam para o lugar de hipnose, apresentando uma forte resistência pelo método ou pelo fato de não serem hipnotizáveis. Segundo o autor (1996b):

Eu precisava da hipnose para ampliar lhes a memória, a fim de descobrir as lembranças patogênicas que não estavam presentes em seu estado comum de consciência. Assim, eu era obrigado a desistir da ideia de tratar tais pacientes, ou a me esforçar por promover essa ampliação de outra forma. (FREUD, 1996b, p. 182).

De acordo com Thebas e Dunker (2021, p.28) para algumas pessoas, a psicanálise começou quando uma paciente de Breuer (colega de Freud), Anna O., que estava “farta das suas sugestões, recomendações e entendimentos disse algo como: - “Cale a boca e deixe-me falar livremente.” E foi através das experiências clínicas, que Freud começa a utilizar o método que hoje em dia conceituamos como “Associação Livre”<sup>6</sup>, vale comentar que, inicialmente esse método era feito em junção com a aplicação da técnica da “pressão na testa”<sup>7</sup>, segundo o autor, quando a pressão da mão se faz presente, é muito mais frequente perceber o aparecimento de:

Uma representação que é o elo intermediário na cadeia de associação entre a representação da qual partimos e a representação patogênica que procuramos: ou pode ser uma representação que constitui o ponto de partida de uma nova série de pensamentos e lembranças, ao fim da qual a representação patogênica será encontrada. (FREUD, 1996b, p. 286)

No entanto, com o tempo, Freud percebeu que a pressão não era necessária e deixou de usá-la, foi a partir dessa elaboração que o caminho da psicanálise foi de encontro com novos saberes, como o inconsciente e sexualidade, conceitos que são observados em toda sua obra. Ainda apontando os escritos de Freud sobre a nova forma de fazer psicanálise:

Verifiquei então que, sem nenhuma hipnose, surgiam novas lembranças que recuavam ainda mais no passado e que provavelmente se relacionavam com nosso tema. Experiências como essas fizeram-me pensar que seria de fato possível trazer à luz, por mera insistência, os grupos patogênicos de representações que, afinal de contas, por certo estavam presentes (FREUD, 1996b, p. 282-283).

Em uma sociedade que desde os primórdios desqualificou a presença e voz feminina, percebe-se que o estudo da Histeria (derivação da palavra grega *hystero* que denota "útero") configurou-se inicialmente como um diagnóstico de controle, uma vez que as intervenções masculinas tinham como objetivo somente a rotulação e em algumas situações, o desligamento do convívio social, visto que era comum o internamento em ambientes psiquiátricos quando algum comportamento não era conivente com a expectativa da sociedade. Pode-se dizer então, que os homens criavam as abordagens para intervenção médica e as mulheres serviam de base para esses estudos, onde as mesmas sempre eram avaliadas como loucas, histéricas, doentes e passíveis de

---

<sup>6</sup> Associação livre: "método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea". (Laplanche & Pontalis, 1992, p. 38).

<sup>7</sup> Segundo Leandro (2007, p. 150) a técnica se resume em pressionar a testa do paciente e pedir para que o mesmo “relate a ideia ou imagem que lhe ocorre, que a descreva seja qual for, e sempre dá ao paciente certeza de que algo lhe ocorrerá”.

intervenção e tratamento. Todo esse controle fazia-se presente dentro do social, porém, a maternidade e cuidados com a casa eram mantidos intactos.

Dessa perspectiva, se faz possível uma inversão do direcionamento e se apresenta o seguinte questionamento: Se ao longo da história as mulheres tivessem voz ativa e maior visibilidade social, como elas seriam apresentadas e reconhecidas na história? Segundo Neri (2002, p.18) a relevância do feminino no psiquismo e principalmente na obra freudiana, se encontra diretamente “ligada à entrada do feminino na cena social, já que o interesse dos médicos pela histeria se deu num momento em que a mulher saiu dos bastidores para se tornar objeto de investigação.” É dentro desse contexto que a mulher revela os sintomas histéricos, dando voz a uma camada que ainda não era conhecida pelo universo masculino e aponta segundo Demes et al (2011, p.651) a sintomatologia de uma “vida dominada pela repressão social e psíquica.”

Bom, foram elas, as mulheres, que ensinaram aos homens sobre o poder que as palavras têm e o quanto elas podem curar. Segundo Neri “a modernidade vienense, ao proclamar o ‘eu da emoção criadora’ em oposição ao eu do cogito e do positivismo, transformou-o (o feminino) em figura emblemática do questionamento da racionalidade metafísica e científica” (Neri, 2002, p. 16). A psicanálise, apesar de ser uma abordagem centenária, apresenta-se como aquela que revela em essência, a cura pelo amor, ou a cura pela fala, aqui pensaremos a psicanálise como aquela que manifesta a forma mais peculiar de proclamar e ressignificar a própria história. Eis aí a oportunidade de juntar os pensamentos psicanalíticos com os discursos feministas, dado que uma vez Bell Hooks (2013) citou: “No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover em direção a liberdade, a agir de formas que libertam a nós e aos outros.”

Para De Oliveira Alves et al (2020, p.40) Freud conseguiu sustentar uma “teoria e uma técnica psicanalítica que é capaz de desvelar fenômenos inconscientes sempre em relação com o meio social e cultural do sujeito.” E é dentro desse enlaçamento que o feminismo entra. Coloca-se aqui como necessário, a consciência do momento político na qual nos encontramos atualmente, onde discursos de ódio, atos perversos e totalitários são vistos como comuns e honestos para com os valores da sociedade, fazendo com que pesquisas como esta, manifestem a ascensão dos discursos feministas e a resistência convocada pelo mesmo grupo, se fazendo presente e indicando a partir do questionamento, interrogação e escuta, o quão necessário é o diálogo entre conceitos sociais que englobam o sujeito e a cultura, além de dar espaço para as questões de gênero e expor a dominação masculina, que sempre teve como objetivo, excluir e manter como um enigma o desejo feminino, por mais que ele estivesse em claro e bom tom dentro das vozes que eram simplesmente silenciadas. Afinal, o que querem as mulheres? Segundo Maurano (2010, p.221) “Nosso querido Freud já se

coçava com essa questão”. Imagino eu, adotando minha posição como pesquisadora e assumindo que esse tema me causa afeto e sentido, estabeleço que o desejo feminino busca o lugar de fala e escuta, de pertencimento, de liberdade e especialmente o lugar consciente do corpo e mente que construímos diariamente. Pensar que essa é uma problemática que a sociedade acredita ser de desordem para o sistema patriarcal, é reconhecido, afinal, sabemos que uma mulher bem informada e consciente de si própria, é uma criatura perigosa para esse sistema que se diz tão “forte”.

Pensar o feminismo atravessado pelo olhar psicanalítico pode carregar várias questões que relembram o quanto essa abordagem é reconhecida como inicialmente patriarcal, segundo Knudsen (2007):

A história do encontro entre feminismo e psicanálise não é apenas uma história de colaboração, mas é também uma história de confronto, tendo como foco a sexualidade feminina, a explicação da aquisição de gênero e o papel da psicanálise na reprodução da hierarquia entre os gêneros, resultando na desvalorização do gênero feminino. (Knudsen, 2007, p. 48)

A fixação em manter a mulher fora de um pensamento consciente sobre seu corpo e possíveis papéis que poderiam ser vivenciados, fora a maternidade e doméstico, fez com que a construção do feminino ou da feminilidade fosse constituída sem o amparo simbólico, afinal de contas, a mulher nunca teve um objeto de representação como o falo. Assim como bem afirma Beauvoir (1949, p. 9) “ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” Ou seja, o gênero enquanto construção que não se limita ao binarismo do sexo, significa que a mulher ou o homem, não necessariamente devem apresentar a construção cultural e esperada do corpo correspondente ao sexo de nascimento. O que evidencia que diferentemente do homem (que já nasce e se encontra para o lugar de sujeito) a mulher precisa construir esse lugar, ou seja, tornar-se mulher e desempenhar papéis e comportamentos que comprovem à sociedade a sua feminilidade. Beauvoir direciona seu pensamento com a intenção de rebater as teorias que traziam as diferenças biológicas e psíquicas como as únicas responsáveis pela desigualdade gritante entre homens e mulheres. A autora relata essa ação como o “controle de si a que a mulher é obrigada” (1949, p. 72) esse controle é necessário para que o feminino direcione sua existência para agradar o desejo do homem e faça com que a fantasia masculina continue governando, segundo Oliveira e Nicolau (2020, p. 5) “ao perceber-se castrada, a menina alimenta a fantasia de que o homem é aquele que pode lhe dar o que falta.” Tornando o masculino o Sujeito e o feminino como aquele dito como sendo o segundo sexo, que deve sempre andar em consenso com o desejo do outro e nunca seu próprio. Dessa forma, segundo Butler (1990), ser mulher (ser o falo) estaria para o lugar de “ser para” um sujeito masculino.

Segundo Lacan (1990) apud Maria Cristina Poli (2008, p. 164) a psicanálise apresenta-se mais do que uma ciência, “a psicanálise é uma ética. Também na prática de pesquisa, ela produz o sujeito, não apenas o descobre.” Assim como o feminismo, que dentro de sua teoria elabora a representação do sujeito dentro de seu próprio reconhecimento, segundo Butler (1990) só é possível construir a “libertação da mulher, a menos que primeiro se subverta a identidade de mulher.” E sustenta assim, sem intervenções, o próprio desejo. Visto que o inconsciente é político, a linguagem é política, o social é político e ser mulher é político, observa-se citando Lacan, o quanto o inconsciente se sustenta no discurso e desejo coletivo daquele que tem a coragem de estabelecê-lo. Se as mulheres não estão bancando o ato heroico que se é desejar e expressar suas perspectivas, ninguém irá fazer isso por elas, por mais que os homens tentem da forma mais perversa reprimir e violentar essas vozes, esse comportamento só demonstra o quanto eles são frágeis por não conseguir elaborar aquilo que lhes falta.

Pode-se avançar e caminhar com a modernidade atual e em consonância com os pontos de encontro em psicanálise, uma vez que grande parte das mulheres são chefes de família, mulheres independentes, mães, executivas bem sucedidas, homossexuais, heterossexuais, bissexuais e donas de casa (Kuss 2016, p. 244) além de pesquisadoras, donas de grandes histórias de vida e saberes que constroem tanto a individualidade de cada uma, como as pluralidades como um grupo de resistência. Essas construções sociais existem em determinados momentos históricos e podem vir a mudar de acordo com as mudanças que acompanham a modernidade. O cenário que o feminino vivencia hoje, por exemplo, não tinha a mínima possibilidade de acontecer, se a reivindicação e resistência feminina não estivesse acontecendo. Por mais que a revolução feminina tenha passado por grandes mudanças, que seja dito de passagem, estão um tanto quanto atrasadas, ainda se observa que Brasil ocupa o antepenúltimo lugar entre os países com os piores indicadores da América Latina no que diz respeito aos direitos políticos das mulheres e à equidade política entre os sexos (PNUD Brasil, ONU Mulheres, 2020). Enquanto a psicanálise se ocupa-se de questões da vida do sujeito, o pensamento feminista segundo De Oliveira Alves et al (2020, p. 41) encontra-se para o lugar de “reivindicação de condições de vida vivíveis e uma exigência de outros discursos sobre o sujeito”.

Essa noção deixa claro como o feminino é carregado de pluralidades e singularidades que não dizem respeito somente a um grupo de mulheres específico, a uma universalização do conceito mulher, mas sim, a todas as cores, classes sociais, orientações sexuais e identidades de gênero presentes no feminino. O feminismo é aquele que diz respeito a muitos sujeitos. Segundo definição encontrada em um trecho da música intitulada “\*\*\**Flawless*” da compositora Beyoncé (2013, tradução livre) “Feminista: A pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os

sexos<sup>8</sup>.” Temos aqui a concepção que corresponde ao pensamento de Bell Hooks (2000) quando a autora defende em seu livro que o feminismo é para todo mundo, ela descreve que a revolução feminina não irá criar sozinha um mundo de paz e possibilidades, onde todos podem ser quem são (HOOKS, 2000).

É justamente pelo feminino englobar uma multiplicidade, que pode-se levantar uma série de questões relacionadas à sexualidade, gênero, relações e principalmente o repensar referente ao lugar do homem e da mulher na sociedade. Essas temáticas ocupam uma cena contemporânea e trazem consigo o tabu que tanto a sociedade tenta se desvencilhar. Os novos arranjos de se fazer presente na sociedade trazem à tona a insuficiência do sistema ser visto como um pilar de representatividade e fonte de entendimento e acolhimento, já que o próprio sistema implementa de várias formas a violência contra essas subjetividades e identidades atuais. Como forma de desconstrução aos resquícios da ordem unicamente cis e patriarcal e levando em conta as subjetividades atuais, torna-se pertinente e necessário, o suporte a novas teorias e reflexões que vão diretamente de encontro com o modelo binário já conhecido. Entende-se que a Teoria *Queer* é um entre outras possíveis formas de construção social da sexualidade e do gênero. Sua letra inicial está dentro da sigla LBGTQIA + e representa os indivíduos que não se identificam com os padrões femininos e nem com os masculinos, ou seja, abarca todos aqueles que optam por não seguir a ordem binária da cis-heteronormatividade. Segundo Louro (2004, p. 7) o *Queer* é o sujeito da sexualidade que não deseja ser integrado e nem tolerado;

*Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência: um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecifrável. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Nas palavras de Pombo (2017, p.389) inicialmente o *Queer* era utilizado como forma de insulto a homossexuais, mas que foi posteriormente “positivado e ressignificado por seus teóricos, passando a ser usado para descrever práticas subversivas, que se colocam contra as normas sexuais dominantes, sobretudo a da heterossexualidade.” Coloca-se no lugar de uma resistência às normas. Essa teoria demonstra a necessidade de se caminhar dentro de um campo que não só comporta as normas sexuais e de gênero, mas enfrenta uma série de opressões que estão diretamente ligadas ao caráter compulsório da heterossexualidade, que obriga os sujeitos a estarem dentro do binarismo e impede todas as possibilidades de colocar em jogo o reconhecimento de gênero e sexualidade que vão em divergência com esse padrão, em outras palavras, faz com que o normativo e hegemônico esteja longe de ser a única forma de construção. Segundo Butler (2002, p. 64) “O gênero é

---

<sup>8</sup> [...] Feminist: the person who believes in the social; Political, and economic equality of the sexes. (Texto original).

performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva”, entende-se então, diante do que a mesma chamou de “Teoria da Performatividade” e utilizando-se dos escritos de Leandro Colling, o sistema constrói sujeitos que são resultado das repetições incansáveis de normas que regulam a heterossexualidade e os que escolhem, por reconhecimento e pertencimento, ir contra essas normas, que o autor descreve como “ideais de masculinidade e feminilidade”, acabam sofrendo as consequências (COLLING, 2007, p.1). Segundo escritos de Judith Butler, a autora ainda questiona sobre essa configuração e interroga a seguinte questão: “O que acontece ao sujeito e à estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado, explicitando-se como produtor e retificador dessas categorias ostensivamente ontológicas?” (Butler, 1990/2018, p. 8).

O *Queer* representa uma minoria, uma diferença que não quer ser enquadrada e assimilada a submissão colocada pela sociedade, ao mesmo tempo contém uma diversidade gritante dentro de seu grupo, fazendo com que haja a construção de uma cultura diversificada e plural, diferente do binarismo sexual que é tido como ‘natural’. Consonante com os escritos por Pombo (2017, p. 400) a teoria *Queer* tem por “estratégia política a resistência à normalização e a universalização das identidades e dos corpos.” Essa resistência fica claro se colhido como referência a frase da jornalista, militante e comunista Patrícia Galvão (Pagu) “Esse crime, o crime sagrado de ser divergente, nós o cometeremos sempre.”. Afinal, segundo Preciado (2002) o *Queer* consiste em “recitações subversivas de um código sexual transcendental falso.” Essa naturalização é o que faz com que sejam representados diante de uma ação política, diante do corpo político, as várias formas de apresentar e ser resistência. Ainda segundo Preciado (2011, p.16):

A multidão *queer* não tem relação com um "terceiro sexo" ou com um "além dos gêneros". Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos "normais" e "desviantes". Por oposição às políticas "feministas" ou "homossexuais", a política da multidão *queer* não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como "normais" ou "anormais".

Por fim, nota-se que as reflexões trazidas neste capítulo, atravessam em consonância para a conceito de emancipação da liberdade de ser e se fazer presente e representado dentro da sociedade. Essa prática promove ao sujeito reconhecer seus desejos, pulsões e nomear sua própria coerência entre questões de gênero e sexualidade. Judith Butler (2019, p.233) apresenta a ideia de que o gênero é considerado como uma "prática discursiva, corporal e performativa por meio da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político." O corpo e mente que se movimenta para com o desejo, expressando todas as suas passagens de vida para chegar e ocupar



aquele espaço de voz e existência. Segundo Fabiana Benetti (2020) em o documento intitulado como “Corpos fabricados que corrompem a potência de criação”:

Quando um corpo humano abandona as práticas estéticas que abarcam uma posição biopoliticopsicosocial para se afirmar em sua potência, desidentificando-se da identidade sexual para uma multiplicidade de desejos, práticas e estéticas, ele experimenta novas sensibilidades e linguagens, novas formas de vidas coletivas e de alianças afetivas.

A teoria *Queer*, os movimentos feministas e a psicanálise podem e devem de forma crítica, prática e respeitosa, estabelecer um diálogo aberto e rico em possibilidades de se encontrar o SUJEITO, uma vez que buscam não somente diante das questões sociais e culturais, mas também particulares, que dizem respeito a vivência de cada um, mover os sujeitos em direção aos seus afetos e desejos. Sustenta-se assim, que a psicanálise enquanto abordagem que trata mais de escutar a narrativa do sujeito e reescrevê-la a partir das ressignificações, faz com que o trabalho fundamental dos psicanalistas seja o de sustentar as multiplicidades e excluir conceitos que moldam o sujeito de maneira violenta e desrespeitosa nos paradigmas que não estão coniventes com a atualidade. Freud bem dizia:

Não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até as disposições pulsionais (FREUD, 1920, p. 211).

## 5. O LUGAR DE PERTENCIMENTO

De fato, quando se fala sobre o lugar que o feminino ocupa na sociedade, pode-se encontrar um conjunto de opressões, silenciamentos e excesso de controle sobre os corpos. Os movimentos feministas fazem oposição ao sistema patriarcal, lutam por direitos básicos e quebram a fantasia de que existe uma equidade entre os sexos, essa luta não se encerra após as reivindicações que já foram conquistadas ao longo do tempo, mas levanta questões que vão de encontro com as pautas que dizem respeito a esse grupo. Por mais que a reivindicação seja considerada como um suposto vitimismo pela sociedade, o lugar de pertencimento e de fala, é um ato de extrema coragem, visto que se é necessário gritar e apontar injustiças que deveriam desde o início ser consideradas como dignas. As desigualdades entre homens e mulheres existem em todas as esferas do social, e para comprovar esse cenário, é só verificar os dados e notícias diárias que são apresentados, a subordinação e violência se estabelecem como uma forma de deslegitimar a vida do sujeito feminino.

O sistema patriarcal utiliza-se de vários discursos e comportamentos para manter as mulheres alheias ao seu real pertencimento. Segundo Lerner (2020, p. 25) a partir do momento que as mulheres adquirem consciência em relação às desigualdades e relembram as histórias vividas por

suas ancestrais, elabora-se uma “força dialética que as impele à ação para mudar a própria condição e começar um novo relacionamento com a sociedade dominada pelos homens.” A elaboração de uma visão diferente de organização social que se vive atualmente, pode colaborar para que a autonomia e emancipação feminina venha a ganhar mais espaço e aponte a liberdade como uma jornada, onde ao seu decorrer, percebe-se o valor que a luta feminina carrega (DAVIS, 2022).

À existência do feminino sempre foi apropriado manter as histórias e saberes debaixo do tapete, porém, sabe-se que a partir de um dado momento, será impossível continuar escondendo e tentar passar por cima, ignorando o alto relevo que se formou. A abundância de singularidades e pluralidades não é questão que tente se apagar, afinal, sabe-se com convicção que todos os seres humanos, independente da sua forma de ser, devem e podem ter o direito de partilhar seus afetos e vivências com dignidade e respeito. Ao pensamento da ativista antirracista Sueli Carneiro, aqui se faz cirúrgico apresentar:

Liberdade e igualdade são bens que estão sempre sendo colocados em perigo por ideologias autoritárias, fascismos, neofascismos, por diferentes variações do machismo, pelo racismo e as discriminações étnicas e raciais, pelos fundamentalismos religiosos, pelos neoliberalismos, pelas globalizações. (CARNEIRO, 2019, p. 108-9).

A representação faz parte da liberdade feminina, é política em seu sentido amplo, permite viver em sociedade e lutar pelas demandas que movimentam o social, defender aquilo que se acredita é fazer política e movimentar como resultado o aparelho psíquico. É colocar a resistência como forma de viver e priorizar aquilo que faz sentido. A consciência feminina vai além de repetir várias vezes que fazem parte de um grupo subordinado e oprimido, mas sim, de repetir quantas vezes for necessário que se é necessário manter as revoluções e se opor diante do que está estaticamente moldado pelo patriarcado. O lugar de fala, assim como a descoberta da vida desprovida de controle, está diretamente ligada ao político e ao social, é uma produção carregada de empoderamento e força, uma vez que o movimento oferece conhecimento, que representa liberdade e coloca à tona o real pertencimento.

A descoberta daquilo que o feminino pertence. Em seu significado próprio, o sentimento de pertencimento e assim como os mochileiros, a possibilidade de se fazer presente em todos os lugares que estejam ao alcance, por mais que soe como um desafio, esse processo envolve construções, desconstruções e reconstruções, já que nunca se foi permitido vivenciar aquilo que inicialmente foi colocado como somente para o masculino. Os mecanismos históricos de opressão e dominação como o patriarcado, colonialismo, o racismo e o sexismo impedem o estar presente e impossibilita a visibilidade feminina, porém ninguém avisou aos homens que as mulheres cujos pés foram impedidos de correr dariam à luz filhas com asas.

## 6. CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho, buscou-se provocar reflexões sobre as construções sociais, suas devidas relações com o feminino e como essas foram responsáveis pela dominação do patriarcado e distanciamento do feminino ao seu real conhecimento e pertencimento.

A estratégia utilizada de indicar os pontos de encontro entre feminismo e os saberes psicanalíticos ampliou a perspectiva de considerar a psicanálise como ferramenta de escuta e espaço para proclamação dos desejos e direitos, pensar como responsável pelo enlaçamento entre social e individual, mas principalmente a de conduzir o sujeito para a própria consciência, reivindicando o lugar de desejante, posição que era mantida como exclusiva do masculino. A história do feminismo fez retorno à luta constante que se era necessário ter para que se fosse reafirmado e mantido a dignidade, respeito e direitos básicos às mulheres. Percebe-se que ao proporcionar lugar de fala e expor pesquisas como essa temática expressa os questionamentos necessários e indica grandes revoluções que envolvem a estrutura da sociedade que se vivencia nos dias atuais.

Com esse retorno as revoluções feministas, percebe-se que questões de gênero e sexualidade também se mostram como estudos significativos dentro da temática que envolve o social, é indispensável a exposição para que as pesquisas e conhecimentos acerca desse tema venham a ganhar mais espaço e não seja comum escutar discursos vazios sobre esse tópico. Em virtude dos fatos encontrados durante a execução da pesquisa, entende-se que para o social o objetivo era sempre evitar os discursos e desejos que de alguma forma fizessem com que o poder e identidade masculina fosse ameaçada. Fica claro que o problema não era ser mulher, mas sim, o fato de também ser desejante e digna de uma posição de potência.

Os estudos e conhecimentos adquiridos tanto na leitura e escrita das relações presentes na sociedade, no feminismo e na psicanálise facilitaram a ideia de continuar e manter firme o empoderamento e possibilidade de descoberta como sujeito per se, para que a recuperação da forma psíquica da mulher venha a mantê-la sempre mais perto da consciência que lhe sempre pertenceu.

## 7. REFERÊNCIAS

BARROS, A.; LEHFELD, N. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. Ed. São Paulo: Editora Pearson Prentice Hall, 2007.

BEAUVOIR, Simone de [1949]. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BELL HOOKS. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rosa dos Tempos, 2018.

BENETTI, Fabiana. **Corpos fabricados que corrompem a potência de criação**. Linked in. 2020. Disponível em:

[https://www.linkedin.com/pulse/corpos-fabricados-que-corrompem-pot%C3%A2ncia-de-cria%C3%A7%C3%A3o-fabiana-benetti?trk=public\\_profile\\_article\\_view](https://www.linkedin.com/pulse/corpos-fabricados-que-corrompem-pot%C3%A2ncia-de-cria%C3%A7%C3%A3o-fabiana-benetti?trk=public_profile_article_view). Acesso em: 30 de Out. de 2022.

BEYONCÉ. **\*\*\*Flawless** ft. Chimamanda Ngozi Adichie. Columbia Records, a Division of Sony Music Entertainment, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IyuUWOnS9BY>. Acesso em 29 out. 2022.

BUTLER, Judith. (2018). **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990).

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgressoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icària editorial, 2002.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

COLLING, Leandro. **Teoria queer. Mais definições em trânsito**, p. 1, 2007

DAVIS, Angela. (2018). **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boi Tempo.

DE OLIVEIRA ALVES, Fernanda; PERRONE, Cláudia Maria; SOLDERA, Diana. **Pesquisa em psicanálise como possibilidade de construção e afirmação da ciência feminista**. 2017

DE OLIVEIRA ALVES, Fernanda; PERRONE, Cláudia Maria; WITTER, Nikelen Acosta. **Atravessando caminhos: escutas e narrativas possíveis entre psicanálise e feminismo**. Revista Feminismos, v. 8, n. 2, 2020

DE OLIVEIRA, Paula Affonso; NICOLAU, Roseane Freitas. **Feminino em Questão: Diálogos Contemporâneos entre Psicanálise e Feminismo**. Revista Subjetividades, v. 20, n. Esp2, p. 28-11/2020, 2020.

DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto Monnerat. **O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise**. 2011.

**Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021** / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022. Editorial, 2002, p. 55 a 81.

ESTÉS, Clarissa Pinkola; BARCELOS, Waldeia. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. 1994.

FEDERICI, S. (1975). **Wages against Housework**. Bristol: Falling Wall Press Ltd.

FELDENS, M.G.F. **Os propósitos da revisão de literatura e o desenvolvimento da pesquisa educacional**. Ciência e Cultura. v. 33, n.9, p.1197-1199, 1981.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**: 2018. São Paulo: FBSP, 2018.

FREUD, S. **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher** (1920). Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Direção-geral da tradução

de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 185-216. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. **A psicoterapia da histeria**. In: Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, vol.2. p. 271-319.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody: Passionate politics**. Pluto Press, 2000.

KNUDSEN, Patricia Porchat Pereira da Silva; ROSA, Miriam Debieux. **Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transsexualismo à política**. 2007.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan**. Psicologia Argumento, v. 34, n. 86, 2016.

LACAN, Jacques (1990). **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEANDRO, Mayra Andrade; HONDA, Hélio. **A construção do método psicanalítico nos primórdios da psicanálise (1887–1896)**. Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v. 13, n. 1, p. 144-156, 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Editora Cultrix, 2020.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARQUES, Danusa; BIROLI, Flávia. Brasil: **Onde está o compromisso com as mulheres? Um longo caminho para se chegar à paridade**. [s.l]: PNUD Brasil; ONU Mulheres. IDEA Internacional, 2020.

MAURANO, Denise. **O que quer uma mulher?** 2010.

MONCAU, Gabriela. Mano Brown entrevista Ângela Davis: "**A liberdade não é o destino, é a jornada**", diz a ativista. Brasil de Fato, São Paulo (SP), 28 de Out 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/10/28/mano-brown-entrevista-angela-davis-a-liberdade-nao-e-o-destino-e-a-jornada-diz-a-ativista>>. Acesso em: 01 de Nov. de 2022.

MOUNTIAN, Ilana; GIANESI, Ana Paula Lacorte. **Psicanálise e feminismo: algumas reflexões sobre a mulher enquanto Outro**. Descentrada, v. 4, n. 2, p. e124-e124, 2020.

NERI, R. (2002). **O encontro entre a psicanálise e o feminino: Singularidade/diferença**. In J. Birman (Org.), Feminilidades (Coleção Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, pp.1334). Rio de Janeiro: Contra Capa.

POLI, Maria Cristina. **Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa**. Estilos da clínica, v. 13, n. 25, p. 154-179, 2008.

POMBO, Mariana Ferreira. **Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual: apostas feministas e queer**. Revista Periódicus, v. 1, n. 7, p. 388-404, 2017.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual**. Madrid: Opera Prima, 2002.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. Revista Estudos Feministas, v. 19, p. 11-20, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala. Produção** Editorial LTDA, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Zahar, 1998.

THEBAS, Cláudio; DUNKER, Christian. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. Planeta Estratégia, 2021.